

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**Matheus Augusto Fernandes Campos**

**BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO?**

Uma análise do discurso punitivista nos filmes “Eu matei  
Lúcio Flávio” (1979) e “Tropa de Elite” (2007).

**Juiz de Fora**  
**Dezembro de 2016**

Matheus Augusto Fernandes Campos

## **BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO?**

Uma análise do discurso punitivista nos filmes “Eu matei  
Lúcio Flávio” (1979) e “Tropa de Elite” (2007).

Monografia apresentada ao curso de  
Comunicação Social - Jornalismo, da  
Faculdade de Comunicação da  
Universidade Federal de Juiz de Fora,  
como requisito parcial para obtenção do  
grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves  
Santana

**Juiz de Fora**  
**Dezembro de 2016**

Matheus Augusto Fernandes Campos

**BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO?**

Uma análise do discurso punitivista nos filmes “Eu matei Lúcio Flávio” (1979) e “Tropa de Elite” (2007).

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (FACOM/UFJF) - orientador

---

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF) – convidado

---

Prof. Ricardo Bedendo (FACOM/UFJF) – convidado

Conceito obtido: ( ) aprovado(a)      ( ) reprovado(a).

Observação da banca: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201 \_\_\_\_.



## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho à minha família, por todo o apoio e carinho até aqui. Vocês têm a minha eterna gratidão, amo vocês.

À Luiza, por todo o amor durante os anos de faculdade e todo o incentivo para que este trabalho fosse concluído. À Gisa, pelo carinho e apoio de segunda mãe.

A todos os lugares que passei durante os anos de faculdade: Secom, Ecaderno, Rádio Facom e VR Advocacia. Vocês me proporcionaram experiências fantásticas que me tornaram uma pessoa melhor.

Todos os amigos que fiz em Portugal, em especial ao “Segmento”, a minha gratidão e saudades eternas pelos momentos que passamos.

À UFJF e todos os professores e técnicos-administrativos pelo aprendizado durante todos esses anos.

Aos meus amigos, poucos mas especiais, a certeza de que iremos comemorar esta e muitas outras conquistas que ainda estão por vir.

Ao meu professor e orientador Wedencley, por todos o conhecimento compartilhado e por ter acreditado nesse trabalho, o meu muito obrigado.

## RESUMO

A violência presente nas cidades brasileiras, aliada à descrença na justiça e instituições públicas fazem com que o discurso punitivista ganhe força e seja respaldado por parte da sociedade. A ideia de que “bandido bom é bandido morto” é fruto da sensação de impunidade e do desrespeito aos direitos humanos, pregando a violência como solução e permitindo que um “tribunal de rua” seja instaurado pela polícia. Nesse contexto, o discurso punitivista se faz presente também no cinema brasileiro, através de filmes que espetacularizam a violência policial, que afeta sobretudo negros e pobres no Brasil, elevando seus protagonistas ao patamar de heróis. Este trabalho visa analisar a presença punitivista nos filmes “Eu matei Lúcio Flávio”, de Antônio Calmon, e “Tropa de Elite”, de José Padilha, por meio do método de Análise de Discurso. Ambas as obras se passam na cidade do Rio de Janeiro e tratam da guerra travada pela polícia contra a criminalidade, e possuem personagens reacionários, que fazem uso de extrema violência em nome do combate ao crime.

Palavras-chave: Punitivismo; Análise de Discurso; Violência; Eu matei Lúcio Flávio; Tropa de Elite.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Repórter do programa Brasil Urgente rindo de um acusado de estupro por ele não saber falar a palavra “próstata” .....	15
Figura 2 - Símbolo da Scuderie Le Cocq.....	21
Figura 3 - Corredor do Carandiru inundado de sangue um dia após o massacre. Outubro de 1992. (Foto: Niels Andreas/Folhapress) .....	25
Figura 4 - Pôster do filme “Eu matei Lúcio Flávio” (1979) .....	27
Figura 5 - Cena do filme “Eu matei Lúcio Flávio” (1979).....	29
Figura 6 - Pôster do filme “Tropa de Elite” (2007) .....	31
Figura 7 - Capitão Nascimento, interpretado por Wagner Moura, e suas diferentes caracterizações do personagem.....	39
Figura 8 - Diferentes vestes do personagem Mariel Maryscott, interpretado por Jece Valadão .....	40
Figura 9 - Cena final de “Eu matei Lúcio Flávio” (1979) .....	40
Figura 10 - Capitão Nascimento torturando um adolescente a fim de descobrir o paradeiro de Baiano, chefe do tráfico no Morro dos Prazeres.....	44
Figura 11 - Ao som de “Lady Laura”, de Roberto Carlos, o parceiro de Mariel (interpretado por Anselmo Vasconcelos) esfaqueia um “marginal” até a morte, deixando seus sapatos ensanguentados .....	46
Figura 12 - Cena em que Mariel resgata o corpo de Margarida e a enterra.....	47

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>13</b>
2.1 CONCEITOS DA ANÁLISE .....	13
2.2 ESCOLHA DO TEMA E DAS OBRAS .....	14
2.3 PROCESSO DE ANÁLISE .....	16
<b>3 DISCURSO PUNITIVISTA NO BRASIL</b> .....	<b>17</b>
3.1 CAUSAS E EFEITOS .....	20
<b>4 OBRAS</b> .....	<b>27</b>
4.1 “EU MATEI LÚCIO FLÁVIO” (1979) .....	27
4.2 “TROPA DE ELITE (2007).....	31
<b>5 ANÁLISE</b> .....	<b>37</b>
5.1 AS HISTÓRIAS.....	37
5.2 VESTUÁRIO .....	39
5.3 COMPORTAMENTO .....	40
5.4 DISCURSO.....	43
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>





## 1 INTRODUÇÃO

Qual a melhor forma de solucionar a violência presente nas cidades brasileiras? O quanto ela é capaz de nos afetar? Temos um sistema carcerário superlotado e ineficaz na recuperação dos presos, uma justiça que não dá vazão à quantidade de processos – não só criminais – e um Estado insuficiente no trato de questões sociais. Isso tudo aliado a uma descrença da população nas instituições públicas de segurança, propicia a reverberação do discurso punitivista e sua máxima “bandido bom é bandido morto” na sociedade.

Se os crimes violentos por sí só já amedrontam a população, a impunidade aflora nas pessoas os sentimentos de revolta e desconfiança para com a Justiça e as instituições responsáveis pela nossa segurança, comprometendo o Estado democrático de Direito. Surgem então os pedidos para punições mais severas a todo custo, a desumanização de quem comete delitos e em casos extremos, o apoio ao linchamento e assassinato dos criminosos, em nome da ordem e da paz social.

O Brasil enfrenta ainda questões que o acompanham desde o seu período colonial, como por exemplo o racismo e a desigualdade econômica. Com o passar dos anos, o Estado seguiu omissivo e incapaz de suprir todas as necessidades dos mais pobres, através de políticas sociais que amenizassem os problemas enfrentados por essa parcela da população.

A guerra às drogas conseguiu agravar a situação. Áreas periféricas das grandes cidades foram tomadas pelo tráfico, que armou-se para a guerra e faz milhares de vítimas todos os anos. Além de fracassada, essa política abriu espaço para o abuso das forças repressivas do Estado, a criminalização da pobreza e o vigilantismo policial presente em diversas comunidades, permitindo a violação de domicílios e privacidades. Este ciclo vicioso vitima traficantes, policiais e principalmente, os moradores das regiões mais pobres.

A “policialização” de bairros periféricos ajuda a agravar este panorama, pois geram uma cultura de resistência e revolta à autoridade e à imagem do policial. Já o sistema prisional acaba por não cumprir a sua finalidade, uma vez que a grande maioria dos presos volta ainda mais revoltada e sem perspectivas de mudança, dificultando a ressocialização. Esse “fracasso programado” que a guerra às drogas proporciona serve de justificativa para que novas políticas repressivas sejam adotadas pelo Estado, que visa a eliminação dos considerados inimigos.

Cidadãos que buscam a punição a todo custo, por meios que não sejam legais, ultrapassam o limite da razão e muitas vezes acabam cometendo outros delitos. Nos casos de linchamentos por exemplo, a ideia de que por ser feito à vista de todos e em grupo dá a sensação de que não é crime. Porém, diversas ilegalidades podem ser associadas a essa prática, como tentativa de homicídio, formação de quadrilha ou bando, lesão corporal, etc.

A incapacidade do Estado em proporcionar condições dignas para parte da população e de fazer cumprir-se a lei e a ordem, somadas ao discurso que viola os direitos humanos e a dignidade de quem é suspeito de cometer crimes, resultam em soluções violentas por parte da população que nada resolvem. Assassinar um assaltante não impede que novos assaltos aconteçam, e assim por diante. Na linha tênue entre justiça e vingança, muitas pessoas se perdem e, não raras as vezes, essas práticas recaem também à inocentes acusados injustamente ou por engano. Quem pratica “justiça com as próprias mãos” não está interessado em resolver o problema, mas apenas em externar seu ódio e desejo de vingança, mesmo que não tenha sido diretamente afetado pelo crime.

Casos como o de um adolescente negro de 15 anos amarrado nú em um poste e agredido a pauladas no Rio de Janeiro por um grupo de “justiceiros”, demonstram também o preconceito existente em manifestações deste tipo. Mesmo que tais práticas não sejam restritas à questão racial, a cor da pele contribui para a decisão a ser tomada. A chance de um negro ser linchado é, quase sempre, maior do que a de um branco.

Este trabalho tem como objetivo, através da análise de discurso, retratar o punitivismo presente na sociedade brasileira através do cinema, nos filmes “Eu matei Lúcio Flávio” (1979), de Antônio Calmon, e “Tropa de Elite” (2007) de José Padilha. Ambas as obras mostram a aplicação da máxima punitivista pela polícia no combate à criminalidade na cidade do Rio de Janeiro, local que retrata com excelência a guerra às drogas e suas consequências.

Seja por responder aos anseios punitivistas de parte dos espectadores, seja pelo modo com que os protagonistas são apresentados, há quem admire e concorde com os atos de violência praticados pelos personagens. Com o Capitão Nascimento de “Tropa de Elite”, por se tratar de um personagem contemporâneo, o processo de “heroicização” é ainda mais forte. Com o lançamento do filme veio à tona o debate acerca da atuação do Batalhão de Operações Especiais de Polícia do Rio de Janeiro, o BOPE, conhecido pela violência empregada nas incursões nas favelas da cidade.

No intuito de definir a metodologia adotada, o segundo capítulo deste obra trata os conceitos em que todo o processo de análise foi baseado, além de esclarecer os pontos abordados no estudo das obras. Posteriormente, é traçado um histórico do discurso punitivista no Brasil, elencando suas raízes, características e consequências para a população.

No capítulo seguinte, as obras cinematográficas presentes neste trabalho foram descritas, a fim de detalhar a trama e mostrar características marcantes que cada uma possui, principalmente seus protagonistas. Foram citados também diálogos e cenas de destaque, que ajudam a criar um panorama a respeito dos filmes, não prendendo-se apenas aos personagens principais.

Em seguida, deu-se o processo de análise dos pontos citados no segundo capítulo. Os dados constatados no quinto capítulo serviram como base para as conclusões referentes ao problema apresentado.



## 2 METODOLOGIA

Como base para a pesquisa realizada neste trabalho, serão utilizados os conceitos presentes na obra “Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos”, da pesquisadora e autora Eni P. Orlandi.

### 2.1 CONCEITOS DA ANÁLISE

Através do método de análise de discurso, é possível considerar não apenas a linguagem e os personagens das obras, mas todo o contexto em que estão inseridos.

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2009, p.16)

Neste estudo, foram aplicados três conceitos de análise de discurso: formação discursiva, formação ideológica e imaginária. Através da formação discursiva, leva-se em conta não apenas o que é dito durante os as tramas (falas), mas também o que é mostrado (imagens), além das condições em que os personagens estão inseridos, por exemplo.

É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. (...) Todos esse usos se dão em condições de produção diferentes e podem ser referidos a diferentes formações discursivas. (ORLANDI, 2009, p.45)

Já a ideologia está presente em toda interpretação, já que, sem ela, não há sujeito. De acordo com Eni, “pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade.” Por isso, a ideologia é necessária para a constituição do sujeito e dos sentidos.

É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. (ORLANDI, 2009, p.47)

Em relação às formações imaginárias, é necessário levar em consideração que toda comunicação é afetada de acordo com a posição dos sujeitos no discurso. O imaginário é imprescindível no funcionamento da linguagem, condicionando os sujeitos em suas discursividades. A posição do sujeito está diretamente ligada ao fato da nossa sociedade ser constituída por relações de hierarquia, força e poder.

As condições de produção implicam o que é material ( a língua sujeira a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. (ORLANDI, 2009, p.41)

## 2.2 ESCOLHA DO TEMA E DAS OBRAS

A escolha do punitivismo como objeto de estudo se deu num momento de profundas mudanças no qual o Brasil atravessa. Além de um período de crise econômica e conseqüentemente um agravamento de questões sociais, vivemos uma crise de confiança em relação às instituições públicas como um todo. Essa desconfiança institucional aumenta a sensação de impunidade, potencializando a ótica punitivista.

De acordo com uma pesquisa do Instituto Datafolha, 57% dos brasileiros concordam que “bandido bom é bandido morto”.<sup>1</sup> Os dados fazem parte do 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Ainda de acordo com a pesquisa, apenas 34% dos entrevistados discordam desta visão.

Programas policiaiscos já fazem parte do cotidiano da população brasileira há anos, praticando diversas violações de direitos como desrespeito à presunção de inocência, propagação de discursos de ódio, exposição indevida de pessoas e outros exemplos que vão de encontro à legislação brasileira e ao Código de Ética dos Jornalistas.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://goo.gl/0MerT2> Acesso em: 3 de dez. 2016



Figura 1 - Repórter do programa Brasil Urgente rindo de um acusado de estupro por ele não saber falar a palavra “próstata”

Com a internet, aumenta-se o poder de propagação deste tipo de pensamento, que vai de encontro ao Estado democrático de Direito. Comentários pedindo a morte ou punições mais severas aos criminosos são facilmente encontrados nas redes sociais. Além disso, comumente aparecem críticas a respeito de organizações de Direitos Humanos, vistos como “defensores de bandidos”.

A seleção dos filmes “Eu matei Lúcio Flávio” e “Tropa de Elite” foi feita na intenção de analisar o punitivismo e suas diferentes manifestações nas obras, além do contraste proporcionado pela diferença de quase 30 anos entre as obras cinematográficas. Importante ressaltar no caso mais recente, o lançamento de “Tropa de Elite” trouxe a tona o debate acerca da segurança pública no país.

Debater a respeito do papel do Estado e possíveis soluções para o habitual problema da violência é essencial para que este tipo de pensamento punitivista não torne-se lugar-comum em nossa sociedade.

### 2.3 PROCESSO DE ANÁLISE

Os pontos de análise foram levantados na intenção de considerar não apenas o enredo dos filmes e seus protagonistas, mas toda a materialidade presente neles e como elas interferem na composição dos personagens. São eles: histórias, vestuário, comportamento, discurso.

As obras possuem diversos pontos em comum, como a cidade do Rio de Janeiro, o combate à criminalidade pelas autoridades de segurança pública, e dois protagonistas que, cada um à sua maneira, acreditam “limpar as ruas” da capital fluminense através do uso da violência.

(...) temos a chamada relações de forças. Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito falar a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. (ORLANDI, 2009, p.39)

O item Vestuário, por exemplo, é relevante a medida que ambos os protagonistas atuam como policiais de diferentes corporações. Analisar como o uso da farda, por exemplo, carrega sentidos e toda uma ideologia presente nas instituições, tendo peso relevante no processo de análise.

### 3 O DISCURSO PUNITIVISTA NO BRASIL

O discurso punitivista possui várias raízes, formas e consequências. Para analisá-lo, é preciso voltar ao passado, desde o período escravista. Em seu artigo “Sobre el filo de la navaja” (2011), Nilo Batista analisa como as práticas escravistas criaram um estilo “punitivo” no Brasil, mesmo após a abolição da escravatura. Além da péssima remuneração dos trabalhadores e das precárias condições de trabalho, no começo do século passado ainda havia a prática do açoitamento, com varas de marmelo, de operários grevistas em fábricas do Rio de Janeiro. “Quem ignora o legado escravista é incapaz de produzir uma política criminal emancipatória para o Rio de Janeiro, para a cidade que no terceiro quartel do século XIX concentrava a maior população africana ou afrodescendente do mundo” (BATISTA, 2011, p.6). Nilo cita também o historiador Thomas Holloway, que realizou estudos sobre a Polícia do Rio de Janeiro, e relata um fato marcante na cidade:

Uma das proezas mais decantadas de Vidigal ocorreu em 19 de setembro de 1823, quando liderou uma força da polícia e tropas do Exército regular contra um quilombo no morro de Santa Tereza. Na manhã seguinte, ele entrou triunfalmente na cidade, montando um garanhão empinado, à frente de uma coluna de mais de 200 prisioneiros seminus capturados na incursão, entre homens, mulheres e crianças, muitos deles usando colares de conchas marinhas e decorações de penas que sugeriam elementos de cultura africana<sup>2</sup> (HOLLOWAY, 1997, p.49).

As opressões punitivas possuem um viés político. A repressão policial age de maneira discriminada e em grande maioria na população negra e pobre das cidades. A prática de medidas repressivas e vexatórias por parte da Polícia ainda persiste no século XX, mas a Justiça brasileira também contribui para o agravamento deste quadro. “Há juízes que não têm pudor em expedir mandados de busca e apreensão genéricos, que abrangem todos os barracos de uma favela e assim habilitam a polícia a violar todos os domicílios nela situados” (BATISTA, 2011, p.6).

No Brasil, um lugar que representa todas as imperfeições deste modelo de encarceramento de moradores da periferia, sobretudo negros, e toda a destruição provocada pela chamada “Guerra às Drogas” é a cidade do Rio de Janeiro. Não é por acaso que os filmes a serem analisados neste trabalho, “Tropa de Elite” (2007), de José Padilha, e “Eu matei Lúcio Flávio” (1979), de Antônio Calmon, se passam na “Cidade Maravilhosa”.

---

<sup>2</sup> Holloway, Thomas H., A Polícia no Rio de Janeiro, trad. F.C.Azevedo, Rio, 1997, ed. FGV, p. 49.

Nesta discussão, é necessário levar em consideração a questão racial como fator determinante para a manutenção da política de superencarceramento e vigilância presente no país. De acordo com uma matéria da Revista Carta Capital<sup>3</sup>, O Brasil possui a 4ª maior população carcerária do mundo (a maior da América Latina). São mais de 622 mil presos, sendo que 61,6% são negros (pretos e pardos). Os dados são de dezembro de 2014 e fazem parte do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), do Ministério da Justiça. Do total, 40% dos presos são provisórios, ou seja, ainda aguardam julgamento. Em apenas um ano, as prisões ganharam 40.695 pessoas, indo de encontro à redução das taxas de encarceramento dos países que estão à nossa frente: Estados Unidos, Rússia e China. No Brasil, o crime de tráfico de drogas é o maior responsável pelas prisões.

Essa fase de “hiperencarceramento” (GARLAND, 2001) na qual o Brasil passa não é homogênea e igualitária. Ela apresenta fatores que demonstram seletividade sobre alguns grupos sociais e uma maior punição para crimes específicos. É o que diz o “Mapa do Encarceramento – Os jovens do Brasil”<sup>4</sup>, publicação que faz parte do Plano Juventude Viva.

A seletividade penal articulando-se ao encarceramento em massa é conclusão comum tanto para estudiosos internacionais (GARLAND, 2001; WACQUANT, 2001) como para estudiosos brasileiros (SINHORETTO, SILVESTRE e MELO, 2013; SINHORETTO, SILVESTRE e SCHLITTLER, 2014) que se dedicam ao estudo das dinâmicas do sistema de justiça criminal” (MAPA DO ENCARCERAMENTO - OS JOVENS DO BRASIL, 2015, p.14).

Essa seletividade penal relaciona-se diretamente com outros problemas enfrentados por parte da população brasileira, como a desigualdade social, racismo e a guerra contra o tráfico de drogas, que domina principalmente as comunidades carentes onde o Estado é omissivo. O sistema de justiça trata de maneira diferente certos grupos sociais, o que perpetua a desigualdade nas esferas da segurança pública e da justiça criminal. Enquanto as classes sociais dominantes não são reprimidas em seu ambiente domiciliar, e seus delitos chamam pouca atenção das esferas da justiça, os menos abastados são constrangidos e vigiados diariamente pela Polícia e enfrentam diversas dificuldades no uso da justiça a seu favor.

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/mais-de-60-dos-presos-no-brasil-sao-negros> Acesso em 17 de out. 2016.

<sup>4</sup> Disponível em <https://goo.gl/O1ZuGl>. Acesso em: 17 de out. 2016

Assim, a seletividade penal desdobra-se em um punitivismo que focaliza alguns segmentos sociais e tipos de delito (como crimes patrimoniais e tráfico de drogas), ao mesmo tempo que, para outros tipos de conflito e seus autores, como os crimes de homicídios, os fluxos da justiça são lentos e até bloqueados (MAPA DO ENCARCERAMENTO - OS JOVENS DO BRASIL, 2015, p.15).

A falta de igualdade na aplicação das leis e procedimentos da justiça para com as pessoas de diferentes grupos sociais foram alvos de diversos estudos. Ainda segundo o Mapa do Encarceramento, no que se refere ao campo da justiça criminal destacam-se os estudos pioneiros de Edmundo Campos Coelho (1987), Ribeiro (1995), Sam Adamo (1983) e Boris Fausto (1984). Estes autores concluíram que em relação à seletividade penal, eram aplicadas penas mais severas aos negros em comparação aos brancos.

É possível fazer uma breve comparação entre a punição adotada para criminosos no poder e os que pertencem a classes sociais menos privilegiadas. Na operação Lava Jato, a maior condenação feita até o momento foi a de José Dirceu<sup>5</sup>, ex-ministro da Casa Civil, condenado pelo juiz Sérgio Moro à vinte e três anos e três meses de prisão por corrupção, lavagem de dinheiro e organização criminosa. Outro exemplo é o caso que ficou conhecido como “Helicoca”<sup>6</sup>. Um helicóptero da empresa Limeira Agropecuária, que pertence ao ex-deputado estadual Gustavo Perrella, filho do senador Zezé Perrella (PDT-MG) foi apreendido com quatrocentos e cinquenta quilos de cocaína no Espírito Santo, em 2013. Apenas o piloto da aeronave foi preso e indiciado. Em contrapartida, em junho de 2016, Gustavo Perrella foi nomeado para cargo de Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor pelo então Ministro dos Esportes, Leonardo Picciani (PMDB).

Cabe a pergunta: Dirceu cumprirá a pena integralmente? Irá para algum presídio superlotado ou terá direito à prisão domiciliar? Se em vez de um helicóptero de um deputado estadual, a cocaína fosse encontrada na casa de algum morador da favela, alguém seria preso? Será que eles são alvos do discurso punitivista e da máxima “bandido bom é bandido morto”? Mesmo com a recente prisão de José Dirceu e outros envolvidos em esquemas de corrupção, como o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, é possível dizer que a justiça vale para todos no Brasil? Para Nilo Batista, tais prisões servem como “alento” e encobrem o desempenho seletivo e as funções repressoras do sistema penal.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/82gx81> /> Acesso em 17 out. 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/7hS98p>> . Acesso em 17 out. 2016.

Não admira o estardalhaço que a mídia faz com a criminalização de um branco rico: ali está a prova viva de nossa democracia punitiva, produzida por nosso sistema penal justo e igualitário (BATISTA, 2011, p.8).

Tal desigualdade no tratamento entre pessoas de classes distintas por parte do Estado vai ao encontro do conceito de “Estado-Centauro” (ou “liberal-paternalista”), de Loïc Wacquant. Isto é, um Estado cuja cabeça liberal repousa sobre um corpo autoritarista (WACQUANT, 2003, p.20-21).

De um lado, ele é liberal numa tendência ascendente, porque pratica a doutrina do ‘laissez-faire’ ao nível dos mecanismos geradores das desigualdades sociais; de outro lado, ele é paternalista e punitivo quando trata de gerar com aval as suas consequências, notadamente, nos bairros pobres açotados pela desregulação do mercado de trabalho e pelo recuo da proteção social (WACQUANT, 1999, s.p.).

Wacquant aponta também que, o aumento do Estado penal traria como consequência a perpetuação do mesmo, ensinando jovens delinquentes a se tornarem melhores criminosos, desestabilizando as famílias mais pobres e a todos que estiverem em seu raio de ação. “No fim das contas, o fracasso programado da gestão penal da miséria servirá de justificação... à sua extensão indefinida que o discurso inesgotável sobre a ‘responsabilidade individual’ e a ‘reincidência’ acabará por naturalizar” (WACQUANT, id., s.p.).

### 3.1 CAUSAS E EFEITOS

A mídia possui papel fundamental na perpetuação do discurso punitivista no Brasil. Programas sensacionalistas, com investigações espetacularizadas sobre um crime, “produzem sentidos e consolidam o senso comum criminológico” (BATISTA, 2011, p.10). Para este tipo de jornalismo raso, o ladrão rouba apenas porque é um ladrão. Não são questionados os motivos que o levaram a chegar ali, apenas conclui-se tratar de um problema moral do criminoso.

Já sabia que um governo que tente reduzir as violências do sistema penal contra as classes populares será sempre responsabilizado por todo delito que ocorra; como se diria hoje, responsabilizado pela não-evitação do delito. Já sabia também que um governo que exerça implacavelmente o máximo poder punitivo disponível sobre as classes populares fica isento de crítica neste flanco: a demonização do infrator faz do juiz um exorcista, o assunto não passa pela política e o governo conservador não é responsabilizado. Ao contrário, governo e mídia, em uníssono, cobram do Congresso Nacional mais penas, mais exorcismos (BATISTA, 2011, p.11).

Representando a máxima punitivista e sob o pretexto do combate à criminalidade, surge no Brasil a Scuderie Le Cocq, o “Esquadrão da Morte”, em 1964. A “entidade”, formada maioritariamente por policiais, se espalhou rapidamente pelo país e foi acusada de cometer inúmeros assassinatos, sobretudo crianças de rua, criminosos e quem entrasse no caminho da Scuderie. Seu símbolo era uma caveira com dois ossos cruzados, herdada do Esquadrão Motorizado, (E.M.) da Polícia Especial, criada em 1932 durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, como força de repressão política.



Figura 2 - Símbolo da Scuderie Le Cocq

No Espírito Santo, o Esquadrão foi além: conseguiu penetrar no Legislativo, Executivo, Judiciário e Ministério Público, dificultando ainda mais as investigações e a capacidade de combater a violência praticada pelo grupo. De acordo com um relatório da OAB do estado, integravam a Scuderie Le Cocq “juizes, promotores, policiais, militares,

fiscais do Estado, vereadores, um deputado e um magnata do jogo do bicho". O grupo atuava no narcotráfico, no controle de jogos ilícitos e em homicídios. Tudo sob o pretexto de que “bandido bom é bandido morto”.<sup>7</sup>

A Scuderie Le Cocq foi extinta oficialmente em 2000, porém ressurgiu recentemente como “Associação Filantrópica Scuderie Detetive Le Cocq”<sup>8</sup> sob a tutela de ajudar no combate ao crime, mas dessa vez através de ações educativas, e incentivando as pessoas a recorrerem ao Disque-Denúncia como forma de combater a criminalidade.

Além dos esquadrões da morte, existem instituições conhecidas pelo seu grau de agressividade, como por exemplo a Tropa de Elite da Polícia Militar do Rio de Janeiro, o BOPE (Batalhão de Operações Especiais), criado em 1991. Sua principal missão é combater o tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro. A tropa conta com soldados treinados para a guerra, fortemente armados e é conhecido pela extrema violência em suas operações nas comunidades cariocas.

O livro “Elite da Tropa” (2006), escrito pelos ex-policiais e ex-membros do BOPE Rodrigo Pimentel e André Batista, em parceria com o antropólogo Luiz Eduardo Soares, narra diversas histórias de policiais e os problemas enfrentados pelos policiais militares do Rio de Janeiro, inclusive a corrupção dentro dos batalhões. A obra deu origem ao filme “Tropa de Elite” (2007), de José Padilha.

Como mencionado no livro, o uso da violência e aplicação da “pena de morte” pelo BOPE resultou em um ciclo vicioso, que parece não ter fim. Ao mesmo tempo em que os criminosos, principalmente negros e pobres, são mortos pelos policiais durante as operações nas favelas, a repressão contra os policiais também aumentou, resultando em mortes para ambos os lados e nenhuma solução.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u34494.shtml>. Acesso em 18 out. 2016.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/PK4KXG>>. Acesso em 18 out. 2016.

Não vou iludir você: com os marginais, não tem apelação. À noite, por exemplo, não fazemos prisioneiros. Nas incursões noturnas, se toparmos com vagabundo, ele vai pra vala. Sei que essa política não foi correta. Agora, não tem mais jeito. A gente mata ou morre. Antes da implantação dessa política, há muitos anos, o marginal se rendia, quando se via inferiorizado. A ordem de atirar para matar, não admitindo rendição de bandido, acabou provocando um efeito paradoxal: aumento a resistência deles e a violência contra a polícia. Claro, o sujeito sabe que não adianta se render, então luta até a morte. Pelo menos adia a morte e leva alguém junto.

Com isso, cresceu muito o número de autos de resistência seguidos de morte, que são os registros das mortes de civis em confrontos com a polícia. Por outro lado, multiplicaram-se os assassinatos cometidos contra policiais. Por vingança. Essa espécie de vingança ainda mais doentia, dirigida a toda uma corporação. Espelho da vingança que nós mesmos praticávamos, às vezes contra uma favela inteira. O sangue é um veneno. Quanto mais se derrama, mais fertiliza o ódio. E a roda não para de girar. No final, todos pagamos a conta, a começar pela sociedade (ELITE DA TROPA, 2006, p.26 e 27).

Além da violência praticada, a tropa de elite também é conhecida por ser implacável contra a corrupção dentro da corporação, problema que assola grande parte das instituições públicas brasileiras e que ajuda a perpetuar este modelo desigual que vivemos. A diferença entre o BOPE e as demais instituições é o modo de “solucionar” este problema, como mencionado no trecho a seguir:

Camargo foi informado pela P2 de que o Lisboa tinha montado, com os antigos companheiros da delegacia, um esquema de tráfico de armas. As evidências não deixavam dúvidas. O comandante Camargo reuniu os oficiais e tivemos de tomar a penosa decisão. Na manhã seguinte, quando chegava do plantão, Lisboa foi morto, na porta de casa, por dois homens, numa motocicleta.(...) Não se tratava propriamente de justiça, mas de interrupção da gangrena institucional e de sinalização aos companheiros. De fato, a indiscutível culpa do Lisboa não era nossa maior preocupação. Se fosse, talvez bastasse aplicar as penas previstas no Código Penal e no regimento disciplinar da corporação. A lei não escrita é mais importante, quando a matéria é honra e o objetivo é a reafirmação da integridade de uma história coletiva. Engana-se quem pensa que o mundo real são os poderes visíveis, as leis escritas e a grana. O mais importante não é dito, nem escrito, nem contabilizado (ELITE DA TROPA, 2006, p.52).

Não se tem notícia de algum país no mundo que tenha resolvido o problema da segurança pública através da máxima “bandido bom é bandido morto”. Se houvesse, provavelmente o Brasil seria um deles. Esse *modus operandi* está intrinsecamente ligado à seletividade policial e da justiça, afetando apenas a população mais pobre. Mas essa seletividade não é fruto apenas da violência da polícia. Ela faz parte do nosso cotidiano há muito tempo, desde o nosso passado escravista.

Não vivemos em uma democracia racial. O tratamento dado pelas pessoas, pela mídia e, conseqüentemente, pela polícia, a uma manifestação de pobres e negros fechando

uma avenida é o mesmo a uma manifestação de jovens ricos e brancos? O racismo e preconceito não se manifestam apenas em atos de violência, ele também está presente no subconsciente das pessoas. Com a polícia, não é diferente.

Na hora de mandar descer do onibus, você acha que eu escolho o mauricinho louro de olhos azuis, vestidinho para a aula de inglês, ou o negrinho de bermuda e sandália? E não venha me culpar. Adoto o mesmo critério que rege o medo da classe média. É isso mesmo, a seleção policial segue o padrão do medo, instalado na ideologia dominante, que se difunde da mídia. (ELITE DA TROPA, 2006, p.133)

A guerra às drogas, além de ineficaz no combate às substâncias ilícitas, preserva um ciclo vicioso de violência e violação dos direitos humanos por parte do Estado. O Rio de Janeiro é o estado brasileiro que mais prende pelo crime de tráfico de drogas<sup>9</sup>, e também um dos que mais sofre deste problema. Ainda que a cidade aponte para uma discussão em torno do assunto, como Ex-Secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro José Mariano Beltrame admitir publicamente que o combate ao tráfico não está funcionando e sugerir a descriminalização aliada à uma política de saúde pública,<sup>10</sup> a manutenção deste quadro por parte do Estado parece ser benéfica para a continuidade das desigualdades proporcionadas por ele.

O fracasso virou tabu? Passará o céu e a terra porém a Convenção de Viena não passará? Ou na verdade este fracasso é um sucesso que não pode ser explicado? Ou simplesmente o Estado do vigilantismo policial não pode abrir mão dos amplos pretextos que as leis antidrogas lhe facilitam? O poder, facultado pelas leis anti-drogas, de violar domicílios e privacidades, aterrorizar comunidades inteiras e executar sumariamente infratores integra o arsenal das burocracias policiais-militares encarregadas do controle punitivo dos contingentes humanos desamparados e marginalizados pelo empreendimento neoliberal. A política criminal de drogas é um fracasso; mas o duro poder punitivo que ela concede às agências policiais é um trágico sucesso (BATISTA, 2011, p.15).

Não se trata apenas de um discurso. O punitivismo faz parte da ideologia e crença das pessoas, e como tal, é facilmente penetrável nas camadas da sociedade, assim como na polícia e na justiça. Quando essa ideia de punição à qualquer custo, ou a máxima “bandido bom é bandido morto” é aplicada, a barbárie se instaura. Apesar de esta guerra fazer parte do

---

<sup>9</sup> Segundo o Mapa do Encarceramento - Os jovens do Brasil, o crime que mais prende no país é o de roubo. Apenas no Rio de Janeiro o tráfico de drogas lidera as estatísticas (Página 80). Disponível em: [http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0010/1092/Mapa\\_do\\_Encarceramento\\_-\\_Os\\_jovens\\_do\\_brasil.pdf](http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0010/1092/Mapa_do_Encarceramento_-_Os_jovens_do_brasil.pdf) Acesso em: 18 de out. 2016.

<sup>10</sup> Disponível em : <<https://goo.gl/YgvH12>> Acesso em 18 out. 2016.

cotidiano, o Brasil possui alguns casos marcantes de massacres por policiais, e em sua grande maioria a justiça nada fez. O Carandiru é um deles.

Em 2 de outubro de 1992, véspera de eleições municipais, dois presos do Pavilhão 9 da Casa de Detenção de São Paulo começaram uma briga, que resultaria em uma rebelião. Após a ordem do Coronel Ubiratan Guimarães, a Polícia Militar invadiu o local. Em apenas 30 minutos, cento e onze presos foram assassinados com uma média de 5 tiros e oitenta e sete ficaram feridos.<sup>11</sup> Nenhum policial morreu. Os detentos que sobreviveram, foram obrigados a correr pelados por um corredor polonês formado pelos PMs e ainda tiveram que ajudar a empilhar os corpos.



Figura 3 - Corredor do Carandiru inundado de sangue um dia após o massacre. Outubro de 1992. (Foto: Niels Andreas/Folhapress)

As informações divulgadas à imprensa naquele dia falavam em apenas 8 mortos. Somente no dia seguinte, 25 minutos antes do fim das eleições, o Secretário de Segurança

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2013/04/18291-massacre-do-carandiru.shtml>  
Acesso em: 18 out. 2016

Pública de São Paulo veio a público informar o número real de vítimas<sup>12</sup>. Em setembro de 2016, o Tribunal de Justiça de São Paulo anulou os cinco julgamentos que condenaram setenta e quatro policiais envolvidos no massacre. As penas variavam de 48 a 624 anos de prisão, mas nenhum PM chegou a ser preso.

Os três desembargadores foram unânimes na anulação do processo. O desembargador e relator da ação, Ivan Sartori, quis a absolvição de todos os policiais, alegando que “Não houve massacre. Houve obediência hierárquica. Houve legítima defesa. Houve estrito cumprimento do dever legal. Agora, não nego que, dentre eles, possa ter existido algum assassino”<sup>13</sup>. Uma nova sessão ainda será marcada. Ivan Sartori foi denunciado ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) por abuso e falta de isonomia, em documento assinado por diversas entidades e acadêmicos<sup>14</sup>.

A Constituição Brasileira de 1988 não permite a pena de morte no país. Se uma justiça legitima o massacre de cento e onze presos, encarcerados sob o pretexto de cumprirem uma pena imposta por esta mesma justiça, a máxima de “bandido bom é bandido morto” se faz presente, e acaba legalizando o não cumprimento da lei por parte da Polícia Militar.

---

<sup>12</sup> De acordo com parentes das vítimas, a maioria dos detentos morreu com tiros na cabeça, e seus corpos apresentavam marcas de facadas e mordidas de cães.

Disponível em: <<https://goo.gl/c2knUI>> Acesso em: 18 out. 2016.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/zg2DJ4>> Acesso em: 18 out. 2016.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/53u9a6>> Acesso em: 18 out.e 2016.

## 4 OBRAS

### 4.1 “EU MATEI LÚCIO FLÁVIO” (1979)

O filme “Eu matei Lúcio Flávio”, dirigido por Antônio Calmon, foi lançado em 1979 e narra a história de Mariel Maryscott de Mattos (interpretado com maestria por Jece Valadão, que era amigo do mesmo e também foi produtor do filme), policial que ficou famoso no Rio de Janeiro após integrar os “Doze homens de ouro”, Esquadrão da Morte formado sob o pretexto de combater a criminalidade na cidade.

Na época de seu lançamento, o cinema policial brasileiro ganhara destaque com diversos filmes, como “Ódio”, “República dos Assassinos”, “Lúcio Flávio, o passageiro da agonia”, entre outros. Ainda que limitado pela censura da ditadura, o cinema policial servia como suporte temático para a crítica social<sup>15</sup>. A obra parece ter sido pensada para as camadas mais baixas da população, uma vez que o cinema era tido como uma diversão popular. Para tal, Antônio Calmon sustenta o filme em um tripé infalível: cenas explícitas de violência (beirando o sensacionalismo) e nudez, principalmente feminina, aliadas a uma trilha sonora recheada de sucessos da época.



Figura 4 - Pôster do filme “Eu matei Lúcio Flávio” (1979)

<sup>15</sup> Disponível em: [http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/marco\\_antonio.pdf](http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/marco_antonio.pdf) Acesso em: 18 de out. 2016.

Durante a trama, Jece Valadão (Mariel Maryscott) consegue transitar por situações completamente opostas de uma maneira natural e brilhante, mesmo contando com poucas falas durante toda a história. Ora aparecem cenas com Mariel dançando em boates ou fazendo sexo ao som de Belchior, ora o Esquadrão da Morte persegue e tortura bandidos com “Lady Laura”, de Roberto Carlos, tocando ao fundo. Tal ambiguidade, presente também em outros filmes do gênero, é analisada por Ortiz Ramos:

Vemos que esses filmes policiais retrabalham o gênero no interior do processo cultural brasileiro. Há todo um desejo da sua utilização para conseguir cativar o espectador, o que leva tanto a matrizes do cinema americano, como a elementos presentes na memória popular e de massa nacional. Mas também tem agido ativamente o peso da tradição crítica do intelectual-jornalista, revivida no contexto dos anos 70, quando o aspecto de ‘missão’ da profissão e o mercado se articularam de uma forma particular. ‘Mocinhos’ e ‘bandidos’ não conseguem se realizar plenamente, a ficção não deslancha com desenvoltura segundo os moldes dos estereótipos ‘clássicos’, e vemos projetadas nas telas personagens e filmes que carregam inevitáveis hibridismos e ambiguidades (ORTIZ RAMOS, 1995, p. 189).

A trama de Maryscott começa em uma boate como segurança ou “diretor de disciplina”, como o próprio diz. Logo em sua primeira cena (desconsiderando a aparição durante os créditos iniciais), ele “corrige” três homens “indisciplinados” de uma só vez, sendo observado por dois policiais. Mariel atua também como salva-vidas na praia de Copacabana, e após salvar um menino que estava se afogando, aparece transando com a mãe do garoto ao som de “Divina comédia humana”, de Belchior. Ao se olhar no espelho, ainda declara: “Você é o maior Mariel”.

Após salvar um homem que tentara se suicidar no mar, Mariel conhece Margarida Maria (Monique Lafond), uma prostituta viciada em drogas, filha do sobrevivente. Em um diálogo cômico e escrachado, o homem reclama por ter sido salvo (“então foi você o imbecil que me salvou? (...) Mas que coisa, nessa merda de país a gente não pode nem se suicidar em paz que logo aparece um chato de um banhista para salvar a gente!”) e ainda ofende sua filha sem o menor pudor (“por favor salve a minha filha (...) dá para perceber que é uma puta, não dá? É só olhar, está escrito na cara dela. Salve a Margarida Maria!”). Tempos depois, Margarida conta a Maryscott que seu pai retornou ao mar e morreu, enquanto é apalpada por dois turistas franceses. Paralelamente à sua trama policial e sua vida recheada de sexo, nasce uma história de amor conturbada e incomum entre ambos.

Mariel é procurado pelo detetive Le Cocq (fora da dramaturgia, o detetive deu origem ao nome do Esquadrão da Morte, Scuderie Le Cocq, após ser morto pelo bandido

conhecido como “Cara de Cavalo”) e orientado a se tornar um policial civil. Acaba trabalhando também como guarda-costas de políticos corruptos. Ao ingressar na polícia, Mariel soluciona os crimes do seu jeito: matando. Em uma cena de violência (com diálogos cômicos), durante um assalto à farmácia Vitória Régia onde os bandidos procuravam o remédio Mandrix (“Mandrix, mandrax, tio, porra!”), um dos assaltantes decide estuprar a balconista, penetrando sua vagina com um revólver. Mariel e seu parceiro (interpretado por Anselmo Vasconcellos) chegam e “dão fim” à situação no melhor estilo Velho Oeste, com um tom de chacota, distribuindo tiros sobre os bandidos (“o malandro vomitou sangue é?”). A ação violenta de Maryscott rende elogios, com o Secretário de Segurança do Estado vindo a público dizer que ele honrou a polícia do Rio de Janeiro.

Sob o pretexto de combate à crescente criminalidade e violência nas ruas da cidade, o Secretário de Segurança do Estado convoca uma coletiva de imprensa para anunciar a criação de um Esquadrão “com *plenos poderes e carta branca para fazer uma limpeza nessa cidade*, onde a incidência de crimes já virou uma questão de alarme nacional.” Estava criado o Esquadrão da Morte com os Doze homens de Ouro. O grupo tinha acesso à armas especiais e plena permissão para matar, e assim o fez. Em cima dos cadáveres, era colocado um cartaz com as siglas E.M. (Esquadrão da Morte), o desenho de uma caveira com ossos cruzados e os dizeres “*Estamos limpando a cidade*” (conforme a imagem abaixo).



Figura 5 - Cena do filme “Eu matei Lúcio Flávio” (1979)

Lúcio Flávio, personagem interpretado por Paulo Ramos e que ajuda a dar nome à obra, aparece pela primeira vez já passada uma hora de filme, quando é preso pela polícia. Mariel vai visitá-lo na cadeia, com direito a ameaças de ambas as partes. Apesar de dar nome ao filme, Lúcio serve mais como isca para a ascensão social de seu algoz.

Após o extermínio de diversos bandidos, a situação começa a “sair do controle”. Em uma das cenas clássicas do filme, enquanto torturam um criminoso os policiais colocam a música “Lady Laura”, de Roberto Carlos, como trilha sonora. Em seguida, o parceiro de Mariel (Anselmo Vasconcellos) declama o lema “marginal tem mais é que morrer” e esfaqueia repetidas vezes o corpo torturado, que é exposto amarrado na estátua de São Sebastião, padroeiro da cidade. “Que obra prima em, irmãozinho?”, zomba Mariel, que viria a ser preso pouco depois.

O delegado responsável pela prisão afirma que a população carioca pode ficar tranquila, pois os crimes provocados pelo Esquadrão da Morte acabaram com a prisão do policial Mariel Maryscott de Mattos. Tempos depois, com uma facilidade que beira o ridículo, Mariel foge da prisão e, como durante toda a trama, se envolve com mais mulheres. Em uma das cenas mais bonitas do filme, ao descobrir a morte de Margarida, o personagem de Jece Valadão rouba desesperadamente o carro do necrotério no meio da estrada, retira seu corpo nu da geladeira e sai caminhando com ela no colo pela estrada vazia a caminho de um cemitério. Ao som de “As rosas não falam” (na voz de Raimundo Fagner), Mariel é preso novamente após enterrar Margarida Maria.

Desta vez, é levado junto com outros “homens de ouro” ao presídio de Ilha Grande, local onde surgiu o movimento que mais tarde daria origem à facção Comando Vermelho<sup>16</sup>. Lá, o parceiro de Mariel é morto e vingado pelo mesmo. Enquanto isso, no presídio Frei Caneca, Lúcio Flávio também é encontrado morto. Em um final com ar triunfal, Maryscott aparece com o seu colar de caveira (símbolo do Esquadrão da Morte) e termina olhando pelas grades, enquanto os demais detentos gritam “mataram o Lúcio Flávio!”.

A obra do diretor Antônio Calmon tornou-se um clássico do cinema brasileiro. Apesar de possuir um roteiro fragmentado e pouco explicativo, o que gera dúvidas ao espectador, Jece Valadão consegue provocar um sentimento de identificação com o público em vez de repulsa por suas atitudes, seja em cenas de pura canalhice ou de violência, com uma atuação repleta de frases antológicas e com um “ar viril”. Intercalando fatos da sua vida pessoal, há uma tentativa de humanizar Mariel mostrando que ele não era apenas um policial

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,assim-nasceu-o-crime-organizado,591840> Acesso em 20 de out. 2016.

sanguinário, mas também um homem capaz de se apaixonar (mesmo que por uma prostituta viciada em drogas). Ainda que leve-se em consideração o seu ano de lançamento, 1979, “Eu Matei Lúcio Flávio” é um filme sórdido, tosco (não em um sentido pejorativo) e amoral. E é justamente essa honestidade e ousadia que ajudaram a torná-lo uma obra-prima do cinema brasileiro.

#### 4.2 “TROPA DE ELITE” (2007)

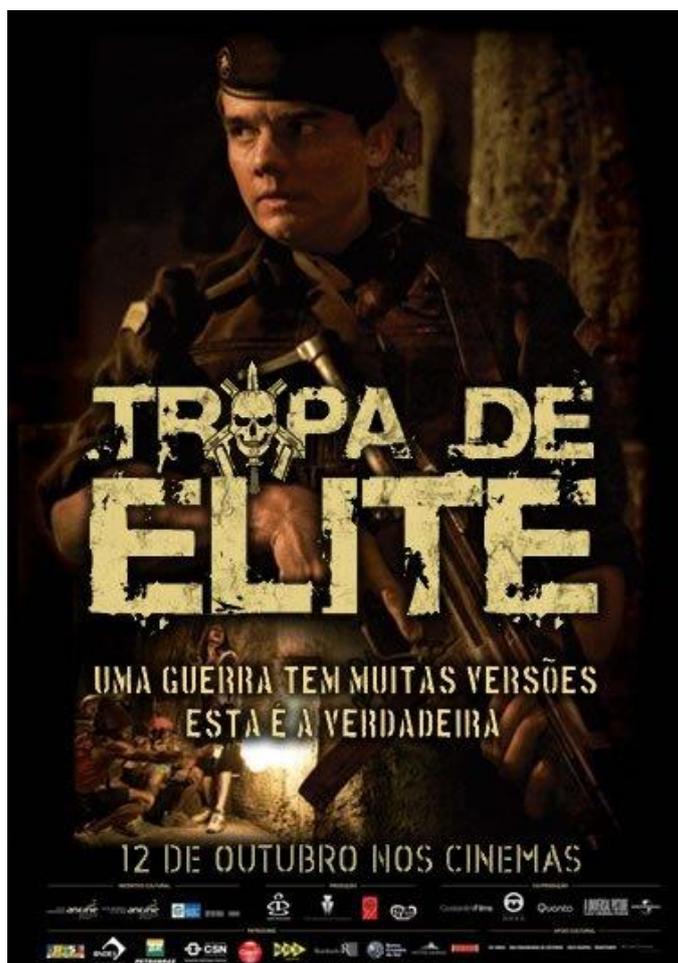


Figura 6 - Pôster do filme “Tropa de Elite” (2007)

Tropa de Elite (2007) é um filme dirigido por José Padilha, baseado no livro “Elite da Tropa”, escrito pelos ex-policiais e ex-membros do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (BOPE), Rodrigo Pimentel e André Batista, em parceria com o antropólogo Luiz Eduardo Soares. O filme narra a busca do Capitão do BOPE

Roberto Nascimento (Wagner Moura) por um substituto, enquanto trava uma guerra sangüinária com os traficantes do Rio de Janeiro.

Logo nos créditos iniciais, é usada uma frase de Stanley Milgran (1974), Psicólogo social americano, que busca dissociar a criminalidade do caráter das pessoas. “A psicologia social deste século nos ensinou uma importante lição: usualmente não é o caráter de uma pessoa que determina como ela age, mas sim a situação na qual ela se encontra.”

Nascimento acredita estar “limpando as ruas” da criminalidade através do uso de extrema violência, incluindo agressões, tortura e execuções. Essa rotina repleta de violência começa a ter consequências na vida e no casamento do Capitão, que está prestes a ter seu primeiro filho. Por isso, ele parte em busca de um substituto. A obra é narrada por ele quase como uma confissão, e nela é possível perceber parte de seu extremismo, possivelmente causado por anos de violência diária, e também seu descontentamento com a Polícia corrupta, políticos e usuários de drogas, vistos como financiadores do tráfico.

O que aconteceu no Rio de Janeiro era inevitável. O tráfico e a Polícia desenvolveram formas pacíficas de convivência. Afinal, ninguém quer morrer à toa. A verdade é que a paz nessa cidade depende de um equilíbrio delicado entre a munição dos bandidos e a corrupção dos policiais. Honestidade não faz parte do jogo. Quando o convencional honesto sobe a favela parceiro, geralmente dá merda (Cap. Nascimento, interpretado por Wagner Moura, “Tropa de Elite”, 2007).

A obra é composta de personagens extremos: são corruptos ou extremamente honestos. Os “verdadeiros heróis” são os oficiais do BOPE, que travam uma guerra contra o tráfico de drogas (o mal maior) e buscam a vitória a qualquer custo, mesmo passando por cima da lei. O símbolo que os representa, “Faca na Caveira”, resume o que acontece quando eles sobem as favelas. Mesmo reconhecendo que sua atuação no combate à violência é limitada e que o Estado e a Polícia Militar corrupta ajudam a perpetuar esse cenário, Nascimento parece não perceber que sua atuação violenta também faz parte deste ciclo vicioso (algo que só viria perceber em “Tropa de Elite 2 - O inimigo agora é outro”).

O filme mostra também as dificuldades e decepções enfrentadas por dois policiais, André Matias, negro e estudante de Direito na faculdade mais cara da cidade, e Neto, que não concordam com a corrupção presente em seus batalhões. Eles sofrem consequências administrativas por terem “roubado” o dinheiro do acerto do seu Comandante com o jogo do bicho, quase morrem em um tiroteio na favela e são salvos pelo BOPE. Por

isso, decidem participar do concurso para oficiais do Batalhão. Durante o processo, é possível perceber a transformação e o endurecimento pela qual os candidatos aprovados passam.

A primeira fase é um “espancamento coletivo” dos candidatos. “Os nossos homens são formados na base da porrada. Pra entrar aqui, o cara tem que provar que aguenta pressão. De cada 100 pms que tentam, 5 chegam ao fim”, narra Nascimento. Segundo ele, para entrar na guerra contra o tráfico, tem que aguentar tudo. Posteriormente, ao ver que André Matias estava dormindo durante a aula, Nascimento puxa o pino de uma granada em sua mão e o desafia a ficar acordado, caso contrário ele iria “explodir todo mundo”. O almoço, com direito a vômito em cima, é servido no chão para os candidatos comerem em apenas 10 segundos. Essa “preparação para a guerra” é transformadora para os candidatos Matias e Neto, possíveis substitutos de Nascimento.

A primeira fase do curso é só porrada. O objetivo é eliminar os fracos e os corruptos. E quando eu sou o instrutor, os corruptos se fodem primeiro (Cap. Nascimento, interpretado por Wagner Moura, “Tropa de Elite”, 2007).

Por trás do comportamento violento e extremista, Nascimento se mostra uma pessoa angustiada, com síndrome do pânico e que não consegue conciliar seu casamento com o trabalho. Ele também sente remorso, por deixar um fogueiteiro do tráfico escapar mesmo sabendo que ele seria morto, principalmente após um apelo da mãe querendo enterrar o menino. Com o nascimento iminente do filho, a situação se agrava. Depois do oficial Neto ser morto pelos traficantes chefiados por Baiano, o Capitão narra mais uma vez seu pensamento sobre o cenário da violência na cidade e demonstra sua revolta. “É engraçado porque ninguém faz passeata quando morre policial. Protesto é só pra morte de rico. Quando eu vejo passeata contra violência, eu tenho vontade de sair metendo a porrada.” Mesmo admitindo que não era certo, Nascimento parte em busca de Baiano a qualquer custo, mesmo que para isso seja necessário invadir casas, torturar e matar. É o que acontece.

O que eu tava fazendo não era certo. Eu não podia esculachar os moradores pra encontrar um bandido. Mas naquela altura do campeonato, pra mim tava valendo tudo. Nada nesse mundo ia me fazer parar (Cap. Nascimento, interpretado por Wagner Moura, “Tropa de Elite”, 2007).

O BOPE parte em busca de Baiano fazendo uma varredura nas casas da vela. Os oficiais acordam um garoto a tapas, revistam sua casa e perguntam a origem de um tênis caro. O garoto diz que ganhou. “Ganhou não, tu perdeu! Vão bora.” Outro oficial do BOPE

conversa com Nascimento dizendo que não apoia tortura e que os moradores estavam vendo aquilo tudo, mas não adianta. “É você o estudante? Sabe voar?” Nascimento interroga o menino a base de pancadas querendo saber o paradeiro do chefe do tráfico, e utiliza o “método do saco” e ainda ameaça usar o cabo de vassoura para penetrá-lo, mas o menino acaba confessando. Na cena final, Baiano é pego pelo BOPE e executado por André Matias, sob ordem de Nascimento (“Passa que é seu!”), em vingança à morte de Neto.

Paralelamente a esses acontecimentos, vale destacar outros personagens da trama. O relacionamento de Matias com os colegas de turma, que são de uma classe social elevada, utilizam drogas (na visão de Nascimento e Matias, financiam o tráfico) e atuam em uma Ong no morro comandado por Baiano, que viria a matar dois deles pelo envolvimento (mesmo que sem querer) com a polícia (Matias). O contra senso existente na personagem de André Matias é evidente. Ele, negro e estudante de Direito, enfrenta a corrupção em seu batalhão da polícia e depois migra para o BOPE, abrindo mão de cumprir o que está na lei para “fazer jus à farda”, torturando e assassinando bandidos.

Em uma aula na faculdade, os alunos do curso de direito discutem sobre o artigo “Vigiar e Punir - uma análise do sistema penal brasileiro” a partir de Foucault. Há inúmeras críticas a respeito da atuação da polícia, tida como violenta e corrupta. “Nós concluímos portanto que no Brasil, a legislação penal funciona como uma rede que articula diversas instituições repressivas do Estado. E que infelizmente no nosso país hoje a resultante dessas microrrelações de poder que o Foucault tanto fala, acabou criando um Estado que protege os ricos e pune, quase que exclusivamente, os pobres”, diz Maria.

Matias intervém e diz que a turma está tendo uma visão superficial da situação, sendo desacreditado pelos colegas. Segundo ele, os “playboys” não tem noção de quantas crianças entram pro crime por causa de maconha e pó, e que eles estão mal informados por “jornalzinho e televisão” (opinião semelhante à de Nascimento).

“Tropa de Elite” demonstra uma visão estreita a respeito do cenário da violência na cidade. Por mais que temas como a corrupção presente na polícia e no sistema político brasileiro sejam abordados, Nascimento reafirma diversas vezes que um dos culpados pela situação também são os usuários de drogas, como se fossem financiadores do tráfico. Como se Direitos Humanos fossem uma proteção a bandidos. Isso demonstra uma superficialidade no conhecimento sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que ele reconhece que deste jeito a situação não vai mudar, ele repete os mesmos discursos que perpetuam esse quadro, deixando de refletir sobre uma nova política antidrogas e tratando os excessos cometidos pelo BOPE como “um mal necessário”.





## 5 ANÁLISE

### 5.1 AS HISTÓRIAS

Os filmes “Eu matei Lúcio Flávio” (1979) e “Tropa de Elite” (2007) retratam, em diferentes épocas, o combate à criminalidade presente na cidade do Rio de Janeiro. Na obra de 79, dirigida por Antônio Calmon, é retratada a história de Mariel Maryscott de Mattos (1940 - 1981), policial que se tornou ícone nas ruas cariocas na década de 60 por integrar o Esquadrão da Morte e cometer diversos assassinatos, além de se envolver com atrizes e modelos famosas. Em “Tropa da Elite”, de José Padilha, vemos a guerra que atualmente é travada nos morros da capital fluminense entre a Polícia e o tráfico de drogas, sob a história do Capitão do BOPE (Batalhão de Operações Especiais da PMRJ), Roberto Nascimento.

Ambas narrativas são sustentadas sob uma base composta por cenas de extrema violência, incluindo torturas, estupros e assassinatos. Apesar disso, enquanto a obra de Padilha aborda um cenário atual da criminalidade no Rio de Janeiro, o filme de Calmon mostra, parcialmente, a escalada da violência na cidade nos anos 60 e as medidas tomadas pelo Estado na tentativa de resolver o problema.

De um lado, vemos o processo de brutalização sofrido por Mariel Maryscott até que ele se tornasse um temido policial civil e membro do Esquadrão da Morte. Entre as cenas de assassinatos e sexo, ao som de uma trilha repleta de sucessos da época, vemos um Mariel inabalável no combate a criminosos, utilizando o que for necessário para detê-los, sem fraquejar.

Sofrendo um processo inverso, Capitão Nascimento (Wagner Moura) surge no filme como uma máquina de guerra, disposto a fazer o que for necessário para reprimir o tráfico de drogas. Ao longo da trama, vemos um personagem abalado pela guerra e descrente em relação à mudanças neste cenário. Preocupado com o nascimento do primeiro filho, Nascimento parte em busca de um substituto.

Uma notável semelhança é o processo de heroicização pelo qual Mariel e Nascimento passam, mesmo que não tenha sido a intenção de seus diretores, como o próprio José Padilha já afirmou em entrevistas<sup>17</sup>. Ambos personagens acreditam estar “limpando as ruas” de um mal maior, e para tal, passam por cima da lei diversas vezes.

---

<sup>17</sup> Disponível em <http://cinema.uol.com.br/ultnot/2007/10/03/ult4332u454.jhtm> Acesso em 10 de nov. 2016

O capitão Nascimento tem síndrome de pânico, não consegue conciliar a vida familiar com o trabalho, vive angustiado porque vê que sua maneira de combater o crime não se sustenta, que ela é incompatível com a idéia de civilização. Não dá para vê-lo como um herói. (...) Existe uma parcela da população que acredita que o problema da violência se resolve na porrada. Agora, se o “Tropa de Elite” conseguir revelar que boa parte dos brasileiros acredita nisso, ele já terá prestado um grande serviço, que é oferecer um espelho para a sociedade e revelar o que há de feio nela (PADILHA, 2007).

Vale destacar também a frase que aparece nos créditos iniciais de “Tropa de Elite”, do psicólogo social norte-americano Stanley Milgran: “A psicologia social deste século nos ensinou uma importante lição: usualmente não é o caráter de uma pessoa que determina como ela age, mas sim a situação na qual ela se encontra.”.

Tal ótica situacionista, mostrada logo no começo do filme, serve como um alerta para o espectador. Como se as atrocidades que vêm a seguir não fossem suficientes para a definição do caráter dos personagens, elas foram cometidas devido à guerra existente entre o BOPE e os traficantes de droga do Rio de Janeiro. Ou seja, o Capitão Nascimento não tortura e assassina porque é mau, e sim por precisar arrancar informações dos criminosos e “limpar” os morros cariocas. É “em nome da lei e de um bem maior” que os excessos policiais são cometidos.

O conceito de “limpar a cidade” aparece também em “Eu matei Lúcio Flávio”. Durante o anúncio da criação dos “Doze homens de ouro” da Polícia Civil, o Secretário de Segurança da Guanabara, não identificado no filme, afirma:

Cada um desses homens tem permissão para formar sua própria equipe. (...) a eles serão fornecidas armas especiais, e para eles serão levantadas barreiras da burocracia e das formalidades legais. Barreiras essas que só vêm ajudando os marginais na luta contra os homens de bem. Eu quero esse assassino da bandeira 2 fora das ruas para sempre, e isso vai ser apenas o começo. Nós vamos limpar essa cidade. (Eu Matei Lúcio Flávio, 1979).

Levando em consideração que limpar significa “tornar-se limpo, retirar impurezas, expurgar o que é indesejável”<sup>18</sup>, pode-se dizer que, na visão do Estado, aqueles que cometem crimes são excrementos, como sujeira. Trata-se de uma visão higienista, com a ideia de limpeza social, tratando uma classe de pessoas, sobretudo negros e pobres, como lixo. E o que se faz com o lixo? Joga-se fora. Neste caso, tira-se a vida.

---

<sup>18</sup> De acordo com o Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/> Acesso em 10 de nov. 2016

Outra expressão de destaque, muito utilizada no Brasil e presente nas obras, é a famosa “cidadão de bem”, que várias vezes se confunde com “cidadão de bens”. Ora, se existe cidadão de bem, existe o cidadão de mal. Este termo demonstra uma visão simplista e maniqueísta acerca da sociedade, como se fosse uma luta entre o bem e o mal. Uma vez que todos somos cidadãos, possuidores de direitos, deveres e iguais perante a lei, e isto que nos caracteriza como tal, definir alguém como “cidadão de bem” é válido apenas ao descumprimento do dever ou intensificação do direito, e não para o julgamento de caráter.

## 5.2 VESTUÁRIO

Há uma evidente diferença no modo como se vestem os personagens principais das duas obras. Em “Tropa de Elite”, o personagem vivido por Wagner Moura, Capitão Nascimento, faz uso da farda do BOPE durante toda a trama, exceto em raros momentos pessoais (conversa com a esposa em casa ou com a psicóloga da polícia, por exemplo). Esse fato aponta um apoio à militarização, e uma insistência em vincular o personagem à sua função enquanto Capitão do batalhão. É difícil separar o Roberto Nascimento do Capitão Nascimento. O uso contínuo da farda intensifica seu caráter e sua atuação de policial. Ao utilizá-la, os atos cometidos são feitos em nome da instituição, neste caso, o Batalhão de Operações Especiais da PMRJ.



Figura 7 - Capitão Nascimento, interpretado por Wagner Moura, e suas diferentes caracterizações do personagem

Já o personagem vivido por Jece Valadão, ora faz uso de roupas elegantes, ora veste roupas mais “despojadas”, como jaquetas de couro, e também aparece repetidas vezes sem camisa ou de corpo nu. Mas durante toda a trama, Mariel não utiliza a farda da Polícia

Civil. Mesmo que outros policiais, inclusive seu parceiro, também não utilizem, pode-se dizer que esse comportamento indica um distanciamento da corporação e não exaltação da mesma.



Figura 8 - Diferentes vestes do personagem Mariel Maryscott, interpretado por Jece Valadão

Em relação ao Esquadrão da Morte (EM), nota-se uma maior relação com o vestuário do personagem. Mesmo que não haja um uniforme, Mariel aparece repetidas vezes mexendo em seu cordão com o símbolo do EM (uma caveira com ossos cruzados). Inclusive na cena final do filme, onde ele aparece com um ar soberano olhando para a câmera, e “mordendo” o objeto. Isso destaca a ideia de associação ao Esquadrão, demonstrando uma maior relação do personagem com o EM do que com a Polícia.



Figura 9 - Cena final de “Eu matei Lúcio Flávio” (1979)

### 5.3 COMPORTAMENTO

Ainda que o tratamento dado às pessoas que cometem delitos seja parecido, o modo de se comportar e a personalidade de Mariel e Nascimento são muito diferentes. O

primeiro, e isso se deve em grande parte à interpretação primorosa de Jece Valadão, apresenta uma personalidade controversa, recheada de canalhice, frieza e egocentrismo.

Mariel, em grande parte do tempo, diz apenas frases de efeito e, no estilo “malandro carioca”, conquista diversas mulheres ao longo da trama. Mas se apaixona justamente por uma prostituta viciada em drogas, e esse amor “problemático” protagoniza uma das cenas mais bonitas por parte de Mariel, quando após fugir da prisão, o mesmo sequestra o corpo nú de Margarida Maria (Monique Lafond) para que ela não fosse enterrada como indigente. Esta cena é uma tentativa de humanizar o personagem, mostrando que ele não é apenas um assassino de bandidos, mas também é capaz de ter sentimentos, mesmo que por uma personagem problemática e de uma maneira pouco convencional.

O carisma aliado ao cafajestismo transmitidos pela atuação de Jece Valadão foram essenciais para a construção de um personagem capaz de ser admirado pelo público, ainda que ele cometa diversos atos condenáveis. Mariel sempre demonstra muita dedicação às suas funções ao longo da história, seja como segurança de boate (ou corretor de disciplina como o mesmo diz), salva-vidas em Copacabana ou segurança de políticos corruptos.

Após a transformação sofrida ao entrar na polícia e integrar os “Doze Homens de Ouro”, é nítida a convicção de Mariel de que a “limpeza” de que ele participa é algo admirável e a sua total tranquilidade e ironia em relação ao sangue derramado. Seja quando ele e seu parceiro impedem um assalto a uma farmácia, matando os três criminosos - “O malandro vomitou sangue é?”, pergunta, aos risos - ou quando um corpo torturado de um bandido é exposto em praça pública - “Que obra-prima em irmãozinho?”, afirma Mariel também em tom de chacota.

Este processo de “brutalização” pelo qual o personagem de “Eu matei Lúcio Flávio” sofre é demonstrada na fala de Mariel, que resume a perspectiva punitiva presente no filme e seu pensamento a respeito do tratamento com criminosos: “Vou lhe contar uma coisa meu irmão, a lei da vida é a lei do cão. Olho por olho, dente por dente”. Tal afirmação demonstra a visão punitivista e negativa em relação à vida do personagem. A expressão “a lei da vida é a lei do cão” constata uma ótica infeliz e problemática sobre sua existência. Já a frase “olho por olho, dente por dente”, originada do Código de Hamurábi, resume sua visão acerca da justiça e seu tratamento com quem infligir a lei. O Código de Hamurábi não previa somente uma punição igual ao crime cometido. Em alguns casos, era prevista a pena de morte ou o pagamento de dinheiro ou produtos de acordo com a gravidade do delito. Não é exagero

afirmar que Mariel seguia este código mais à risca do que a própria Constituição Federal de 1988, que não permite a pena de morte no Brasil.

Vale destacar a calma com que Mariel age durante o confronto com criminosos. Diferentemente de Nascimento, o personagem de Jece Valadão demonstra calma e extremo controle durante suas ações, e também não aparece torturando bandidos.

Mesmo após ser preso, Mariel não demonstra fraqueza ou arrependimento por seus atos. Mais uma vez ele aparenta frieza e tranquilidade com a situação, por mais degradante que ela fosse. Após fugir, ao invés de tentar desaparecer para não ser recapturado, prefere ir atrás do corpo de Margarida, mesmo sabendo que provavelmente seria encontrado. É o que acontece.

Em relação ao Capitão Nascimento, sua visão sobre os fatos é narrada desde o início da trama. Apesar de se mostrar um agente da lei incorruptível e extremamente violento, ele apresenta diversos problemas emocionais e no relacionamento com sua esposa grávida, um dos fatores decisivos para que ele partisse em busca de um substituto.

Ainda no começo da história, Nascimento afirma que só existem duas opções para quem é policial no Rio de Janeiro: “ou se corrompe, ou vai pra guerra”. Esta visão, além de explicitar um problema grave na segurança pública, também serve como uma justificativa para os excessos cometidos por ele e sua tropa.

Durante as ações do BOPE, Nascimento demonstra tensão e raiva, principalmente com os traficantes apreendidos ou com quem ele achasse suspeito. Não faltam cenas de torturas, ameaças e xingamentos contra quem entrasse em seu caminho. Além disso, o personagem de Wagner Moura não vê problemas em desrespeitar a lei para atingir seus objetivos, como se agisse em nome de um bem maior.

Além de sua descrença na Polícia Militar e no “sistema” de maneira geral, segundo ele os usuários de drogas também são culpados pelo problema. Para Nascimento, os usuários são financiadores do tráfico.

Eu sei como termina a história do Baiano, mas não sei como ela começou. Ele deve ter tido uma infância fudida. Eu não vou aliviar por causa disso, mas pelo menos eu entendo como ele chegou onde chegou. O que me fode é o sujeito que nasce com oportunidade e termina entrando nessa vida. Pra mim, quem ajuda traficante tem que ir pra cadeia. (Cap. Nascimento, interpretado por Wagner Moura, “Tropa de Elite”, 2007).

Como narrador da trama, Nascimento confessa sua decepção com a corrupção presente na política e na polícia. Tanta descrença nas instituições fez com que ele se sentisse responsável por resolver a situação. Para ele, não existe outra solução para a guerra travada nos morros cariocas senão a execução de todos os traficantes.

#### 5.4 DISCURSO

Nas duas obras analisadas o discurso punitivista se faz presente através de seus personagens principais. Independentemente da intenção de seus criadores, a realidade da polícia é retratada como uma luta entre o bem e o mal, onde os excessos são cometidos em nome de um bem maior. Há de se questionar a legitimidade de uma ação policial que passe por cima da lei.

Ao mesmo tempo em que Capitão Nascimento narra os acontecimentos e revela suas convicções, é feito um panorama da segurança pública do Rio de Janeiro durante todo o filme.

O que aconteceu no Rio de Janeiro era inevitável. O tráfico e a Polícia desenvolveram formas pacíficas de convivência. Afinal, ninguém quer morrer à toa. A verdade é que a paz nessa cidade depende de um equilíbrio delicado entre a munição dos bandidos e a corrupção dos policiais. Honestidade não faz parte do jogo. Quando o convencional honesto sobe a favela parceiro, geralmente dá merda. (Cap. Nascimento, interpretado por Wagner Moura, “Tropa de Elite”, 2007).

Mesmo entendendo o funcionamento do sistema, Nascimento não aponta soluções para o problema senão a execução de todos os traficantes pelo BOPE. Porém, a roda da guerra às drogas continua em movimento, e ele exerce papel de destaque nessa engrenagem. Essa desmistificação da polícia gera ao mesmo tempo um efeito de exaltação do BOPE, sendo destacada sua excepcionalidade em relação à corrupção policial, mas também pelas atuações nos morros do Rio de Janeiro.

Se o Rio dependesse só da polícia convencional, os traficantes já tinham tomado a cidade faz tempo. É por isso que existe o BOPE, tropa de elite da Polícia Militar. (...) O símbolo do BOPE deixa claro o que acontece quando a gente entra na favela, e a nossa farda não é azul, é preta. O BOPE foi criado para intervir quando a Polícia convencional não consegue dar jeito. E no Rio de Janeiro, isso acontece o tempo todo (Capitão Nascimento, interpretado por Wagner Moura, “Tropa de Elite”, 2007).

Com o discurso acima, narrado pelo personagem de Wagner Moura enquanto o batalhão está a caminho de uma operação numa favela, começam os processos de enaltecimento da Tropa de Elite e heroicização do Capitão Nascimento. A música principal da trilha sonora do filme, também chamada de “Tropa de Elite”, rock da banda Tihuana, contribui nos processos acima citados e seu refrão se assemelha aos cânticos de guerra do batalhão (“Tropa de elite / osso duro de roer / pega um pega geral / também vai pegar você!”).



Figura 10 - Capitão Nascimento torturando um adolescente a fim de descobrir o paradeiro de Baiano, chefe do tráfico no Morro dos Prazeres

A “limpeza” promovida por Nascimento atinge não só os traficantes moradores das favelas, mas também policiais corruptos. Segundo ele, “quem ajuda traficante a se armar, também é inimigo.” E o destino para os inimigos do BOPE é a morte. Na cena seguinte aos fatos narrados acima, logo após os créditos iniciais, Nascimento dá a ordem para que um atirador puxasse o gatilho em direção à traficantes e oficiais corruptos que negociavam o dinheiro do “acerto” do tráfico.

O *modus operandi* do BOPE nas favelas do Rio de Janeiro pode ser explicado por diversos fatores. A descrença no cumprimento e na eficácia das leis por parte da polícia militar e da justiça; o alto risco envolvendo as operações; a falta de percepção de que, antes de ser um inimigo, o traficante é um ser humano e deve ser tratado como tal; a forte ideologia punitivista presente na corporação, e a crença de que a violência deve ser combatida com violência; o preconceito – mesmo que velado – com negros e pobres moradores de periferia; a certeza da impunidade tanto com os traficantes como com os oficiais corruptos ou que cometem excessos; e o ódio com quem é usuário de drogas – para Nascimento, são eles um dos financiadores do tráfico –.

Esta revolta com os usuários de drogas é explicitada em diversas partes da trama. Em sua narrativa, Nascimento pergunta: “quantas crianças a gente vai ter que perder pro tráfico só pro playboy enrolar um baseado”. Na primeira operação do BOPE retratada no filme, o Capitão bate em um estudante e enfia seu rosto no peito ensanguentado de um bandido morto. “Quem matou esse cara aqui?” (enquanto dá seguidos tapas em seu rosto) - Foi um de vocês, responde. “Um de vocês o caralho. Quem matou esse cara aqui foi você, seu viado. É você que financia essa merda aqui, seu maconheiro, seu merda. A gente vem aqui desfazer a merda que você faz”, esbraveja Nascimento.

“Desfazer a merda” significa derramar mais sangue? Nascimento sabe que está “enxugando gelo”, mas parece expressar toda a sua revolta em quem também é vítima do proibicionismo. Aliás, todos somos vítimas da guerra às drogas, direta ou indiretamente. Grande parte da criminalidade dos problemas da segurança pública no Brasil e da América do Sul em geral, são oriundas dessa política fracassada de combate às drogas.

Enquanto o filme “Tropa de Elite” traz à tona diversos problemas das instituições de segurança pública do Rio de Janeiro, “Eu matei Lúcio Flávio” apresenta uma proposta diferente, com um roteiro fragmentado e pouco explicativo, além de não tecer críticas diretas a nenhuma instituição. Além de se tratar de um filme relativamente antigo (1979), as cenas de violência chegam a provocar risos, seja pelo sensacionalismo empregado ou pela trilha sonora escolhida.

Em uma das cenas que melhor demonstra as peculiaridades do filme de Calmon, o parceiro de Mariel tortura e assassina um bandido, declamando “marginal tem mais é que morrer” enquanto seus sapatos brancos são cobertos de sangue. Tudo ao som de “Lady Laura” (Roberto Carlos), que foi composta em homenagem à mãe do cantor e cita o amor e proteção sentida pela figura materna. Esse contraste presente na obra ameniza o clima de

extrema violência das cenas, tornando-as mais sutis, e provoca diversas reações no espectador.



Figura 11 - Ao som de “Lady Laura”, de Roberto Carlos, o parceiro de Mariel (interpretado por Anselmo Vasconcelos) esfaqueia um “marginal” até a morte, deixando seus sapatos ensanguentados

Ao entrar na polícia e no Esquadrão da Morte, Mariel torna-se implacável. Vários criminosos são mortos sob a justificativa de que a cidade estava sendo “limpa”. Mas os excessos cometidos pelo EM começam a repercutir negativamente, Mariel torna-se “bode expiatório” e acaba preso.

A população carioca finalmente pode ficar tranquila. A justiça segue seu rumo e aos poucos vai acabando com os excessos dentro da polícia. É preciso reafirmar que com a prisão do policial Mariel Mariscot de Matos, estão findos os crimes do Esquadrão da Morte. E quem lhes diz isso sou eu, o Delegado e Promotor José Nobot. (“Eu matei Lúcio Flávio”, 1979).

Demonstrando sua frieza e canalhice mais uma vez, Mariel foge da prisão (com uma facilidade cômica) e mesmo foragido, vai ao encontro de mulheres, inclusive Margarida (internada em uma clínica de sanidade mental).

É justamente a morte de Margarida Maria que consegue abalar Mariel pela primeira e única vez durante o filme, quando o mesmo chora ao ver o corpo de sua mulher amada. O enterro tem a trilha sonora de “As rosas não falam”, interpretada por Raimundo Fagner, música repleta de versos que encaixam-se perfeitamente com a cena (“Volto ao jardim / na certeza que devo chorar / pois bem sei que não queres voltar / para mim”). Vale destacar mais uma peculiaridade cômica na obra de Calmon: Mariel tenta por duas vezes fechar os olhos de Margarida no caixão, sem êxito (é dado um zoom em seu olhar). Esse recurso acaba “quebrando” o clima fúnebre da cena, sendo capaz de provocar risos no espectador.



Figura 12 - Cena em que Mariel resgata o corpo de Margarida e a enterra

Mesmo tratando-se de roteiros completamente diferentes, as obras são passíveis de curiosas analogias, como demonstradas ao longo do trabalho. Ambas possuem personagens reacionários, que acreditam limpar as ruas da criminalidade através do uso de extrema violência. Apesar de passarem por diversas cenas que os tornariam personagens detestáveis, tanto Jece Valadão como Wagner Moura conseguem se sobressair como heróis para uma parcela dos espectadores, já que correspondem aos anseios punitivistas de parte da população. Também possuem suas fraquezas e conflitos pessoais, o que os torna sobretudo, humanos, facilitando a identificação do público.

Apesar disso, vale ressaltar que ao mesmo tempo em que “Tropa de Elite” acerta ao mostrar a corrupção policial e o envolvimento de políticos nos esquemas, o BOPE é tratado como incorruptível e 100% eficaz. Não há referências ou críticas em relação ao corrompimento dos oficiais e à sua atuação violenta nas favelas. As vítimas do BOPE são todas criminosas, como se não houvessem inocentes. Uma eficiência digna dos filmes policiais americanos. Utilizando-se de estereótipos, os estudantes de classe média da faculdade de Direito em que o Matias estuda são retratados como playboys esquerdistas, liberais e hipócritas, uma vez que protestam contra a violência policial mas utilizam drogas ilícitas. Essa é uma redução simplista da discussão e mostra apenas uma parte mínima do problema.

Há também uma clara diferença entre o Capitão Nascimento narrador e o policial. Enquanto os fatos são narrados com firmeza e arrogância, o Nascimento que entra em ação está obcecado e tomado pela raiva, agindo de maneira violenta e às vezes descontrolada. Essa narração tem papel crucial na heroicização do personagem, uma vez que o apresenta como

alguém especial, longe de toda a corrupção presente no sistema, e muitas vezes incompreendido.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência faz parte do cotidiano brasileiro a tempo suficiente para percebermos que mudanças no modo com que a enfrentamos são necessárias. A lógica punitivista não respeita a vida, os direitos humanos e o Estado de Direito, além de ignorar toda a problemática que perpetua este cenário. Reduzir a discussão sobre o problema da criminalidade à máxima “bandido bom é bandido morto” é permitir que a barbárie se instaure. E ser indiferente também. Não pode ser considerada normal a discrepância no tratamento da justiça, das polícias e da mídia a quem é de uma classe social privilegiada em relação aos mais pobres. A morte já provou não ser a solução.

Fazer com que o Estado invista em políticas públicas, fazendo-se presente em regiões para prestar assistência, provendo educação, cultura, saúde e saneamento básico são fundamentais para amenizar o sofrimento de milhões de brasileiros. Debater alternativas à fracassada guerra às drogas, engrenagem principal no ciclo constante da violência no país, além de reformas nas instituições públicas para que a confiança seja restaurada, são caminhos para avançarmos como país.

Por meio deste trabalho, procuramos analisar como o punitivismo se faz presente no cinema brasileiro, sob a ótica dos filmes “Eu matei Lúcio Flávio” (1979) e “Tropa de Elite” (2007). Ambos têm o Rio de Janeiro como plano de fundo e mostram como as autoridades tentaram solucionar o problema da criminalidade na cidade. Se na obra de 79 a solução adotada pelo Secretário de Segurança da Guanabara foi a criação dos “Doze homens de Ouro”, esquadrão com carta branca para matar, em “Tropa de Elite” vemos Capitão Nascimento desacreditado com a polícia e o Estado, tomando para si e seu batalhão a responsabilidade de acabar com o tráfico de drogas fazendo uso da violência, através de tortura, espancamentos e assassinatos.

Ambos os protagonistas passam por processos de heroicização ao longo das histórias. Em “Eu matei Lúcio Flávio”, a transformação de Mariel é entrelaçada de cenas de sua vida pessoal, numa tentativa de humanizar o personagem mostrando que ele não vive apenas atrás de criminosos. A atuação de Jece Valadão dá à Mariel um ar de canalha, frieza, sarcasmo e passa a sensação de pleno controle em todas as situações. Seja com mulheres, enfrentando bandidos ou na cadeia, Mariel segue inabalável, sendo capaz de matar, ao melhor estilo Velho Oeste, com um sorriso no rosto. Por mais cafajeste que seja, ainda se apaixona

por uma prostituta viciada em drogas e sequestra o corpo dela para que a mesma não fosse enterrada como indigente. Mérito também para o carisma singular de Jece Valadão, de suma importância para a identificação do público com o personagem.

No filme de Padilha, Nascimento além de protagonizar a obra, narra a guerra travada nos morros da cidade entre a polícia e traficantes, demonstrando uma visão pragmática sobre o cenário da violência carioca. Ao passo em que a corrupção presente nos quartéis da polícia é retratada, o BOPE é apresentado como um batalhão exemplar, sem a presença de corruptos, e que pelo fato de estarem em guerra, o modo violento com que agem é justificado. O personagem de Wagner Moura só deixa o patamar de “máquina de guerra” em raros momentos pessoais, onde entra em conflito com sua esposa grávida (motivo que o faz partir em busca de um substituto) e demonstra problemas emocionais, fatos que contribuem para a humanização do personagem.

Apesar do diretor José Padilha afirmar que a intenção do filme foi mostrar a realidade, o resultado foi a glorificação da violência policial, num dualismo em que existem apenas pessoas corruptas ou honestas ao extremo, onde os únicos heróis fazem parte do BOPE e, mesmo que através de assassinatos e da tortura, são eles os responsáveis pelos traficantes não terem tomado a cidade. Como solução para a criminalidade, o filme parece apontar apenas a máxima punitivista de que “bandido bom é bandido morto”. Recai ainda em estereótipos, como no caso dos estudantes de direito de classe média alta que debatem sobre a violência da polícia, mas financiam o crime comprando e revendendo drogas dos traficantes.

Pode-se afirmar que os filmes respondem aos anseios punitivistas de uma parcela da população, cada um à sua maneira, dramatizando a apologia à execução de bandidos, sobretudo os pertencentes à classe pobre, pelas forças policiais sob as ordens do Estado. E o patamar de heróis alcançado por seus protagonistas ajudam a compreender essa lógica. Essa ideia de que a única solução para o crime (representado como uma maldade absoluta) seja a morte ainda é corroborada pela grande mídia, que diariamente ajuda a materializar a sensação de insegurança e dá voz ao punitivismo.

Seja em momentos de escalada da violência ou em crimes de maior apelo popular, esse discurso estará presente e será bradado por uma parcela conservadora da população. Cabe a nós discutirmos soluções humanas para o problema da criminalidade, entender suas raízes e apontar ações para que a barbárie não seja instaurada. A morte e a violência nunca foram e jamais serão a cura para a nossa sociedade. Exemplo disso é a Scuderie Le Cocq, esquadrão formado principalmente por policiais e membros do judiciário,

que bradava a morte de bandidos mas que no fim das contas acabou sendo responsável por diversos crimes pelo país.

Fazer com que o Estado proporcione condições de vida dignas a todos, e que a Justiça e polícias não sejam seletivas, agindo com isonomia e de acordo com a lei é essencial para que, no futuro, nossos heróis sejam outros.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio. **O cinema policial no Brasil: entre o entretenimento e a crítica social**. Santa Cruz, BA: 2006. Disponível em: <[http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/marco\\_antonio.pdf](http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed17/marco_antonio.pdf)> Acesso em: 18 de out. 2016
- BALZA, Guilherme. **PF apreende 450 kg de cocaína em helicóptero da família de senador de MG**. São Paulo: Portal Uol, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/7hS98p>> Acesso em 17 de out. 2016
- BATISTA, Nilo. **Sobre el filo de la navaja**. Rio de Janeiro: Revista EPOS, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v2n1/02.pdf>> Acesso em: 15 de out. 2016
- BELTRAME, José Mariano. **José Beltrame: Tráfico, Segurança e Discriminação**. 2015 Entrevista concedida à Plínio Fraga. Disponível em <<https://goo.gl/YgvH12>> Acesso em: 18 de out. 2016
- BERGAMO, Mônica. **Após julgar caso do Carandiru, Ivan Sartori será denunciado no CNJ**. Folha de São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/53u9a6>> Acesso em: 18 de out. 2016
- BRANDT, Ricardo *et al.* **Moro condena Dirceu a 23 anos de prisão, maior pena da Lava Jato**. Estadão, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/eHhNNQ>> Acesso em: 17 de out. 2016
- BRASIL. Secretaria-geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude. **Mapa do Encarceramento – Os jovens do Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/O1ZuGl>> Acesso em: 17 de out. 2016
- CARTA CAPITAL. **Mais de 60% dos presos no Brasil são negros**. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/gSh6g5>> Acesso em: 17 de out. 2016
- EU matei Lúcio Flávio. Direção: Antônio Calmon. Rio de Janeiro, RJ: U.C.B. - União Cinematográfica Brasileira S.A. 1979. 35mm (90min), son, color, som original.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Massacre do Carandiru**. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/kjZ3XR>> Acesso em: 18 de out. 2016
- FOLHA ONLINE. **Saiba o que é o o grupo paramilitar Scuderia Le Coq**. 2002. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u34494.shtml>> Acesso em: 18 de out. 2016
- FOLHA DE SÃO PAULO. **TJ anula julgamentos que condenaram 74 PMs no massacre do Carandiru**. São Paulo: 2016. Disponível em <<https://goo.gl/zg2DJ4>> Acesso em: 18 de out. 2016
- G1. **Imposto sobre maconha gera receita de US\$ 25,5 milhões nos EUA**. São Paulo: 2016. Disponível em <<https://goo.gl/r5oUhv>> Acesso em: 16 de nov. 2016

HOLLOWAY, Thomas H., **A Polícia no Rio de Janeiro**, trad. F.C.Azevedo, Rio de Janeiro: 1997, ed. FGV.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

PADILHA, José. **Para Padilha, "Tropa" é um espelho que revela lado feio da sociedade**. 2007. Entrevista concedida à Ricardo Calil.  
Disponível em: < <https://goo.gl/bE3sXO> > Acesso em: 17 de out. 2016

SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

SOUZA, Caco. **Assim nasceu o crime organizado**. Estadão, 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/koH9Ux> > Acesso em: 20 de out. 2016

TROPA de Elite. Direção: José Padilha. Rio de Janeiro, RJ: Universal Pictures do Brasil; The Weinstein Company. 2007. DVD (118min), son, color, som original.

VILLELA, Gustavo. **No dia do Massacre do Carandiru, em 92, governo divulgou total de 8 presos mortos**. O Globo. 2014. Disponível em < <https://goo.gl/c2knUI> > Acesso em: 18 de out. 2016

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Imprensa: Rio de Janeiro, Instituto Carioca de Criminologia, Revan, 2003.